

DIA QUENTE

Thiago Nogueira Machado¹

dia quente, 40 graus. vila sem água há dois dias. cheiro insuportável do esgoto. o corpo de um cachorro apodrece no canto da calçada. faz umas duas semanas que durmo mal. talvez seja a cama improvisada no chão acrescido da preocupação de não ter trampo. dá nada. daqui a pouco as coisas melhoram.

nescau começou a berrar cedo aqui na frente da baia dizendo que desenrolou um bagulho tenso para a gente. negão tá maluco. quer dar um bandão fora da vila. os caras da paineira tão tirando a gente faz tempo. fazer o quê? eles são sangue no olho, nós não passamos de uns piá que metemo uns bagulho de vez em quando. diz que cansou de ser pano de prato. tô meio que concordando com ele. vamo dar um tempo daqui.

embicamo na bento, ligeirinho é santana e pum! tamo dentro deles. no caminho, a habitual tia que, ao nos ver, segura a bolsa bem firme, o estudante da particular que de tão nervoso notamos a tremedeira a uma quadra de distância. mas dessa vez a parada tá diferente. tamo sendo caçado dentro da vila, mas aqui a gente é caçador. queremos tocar terror. nescau quer descontar em alguém. vamo ficar de boa, pai, tipo aquele bicho pantera negra, só atacar se for atacado. a verdade que a gente tá cansado de ser atacado, apanhar, nos apagarem. nescau disse que não queria saber desse papo de dar a outra face e que isso era engodo da igreja nos prometendo um lugar no reino dos céus e os caralho. fiquei pensando da onde o negão tirou aquela merda. na real, não queria morar em porra de reino nenhum depois da morte. reino depois da morte? nan, tô legal! o bagulho acontece aqui mesmo. negão deu a letra certa.

esses neguim têm e já tiveram de tudo. isso deixava o nescau puto. mas tinha uma coisa que nós tínhamos que eles nunca tiveram e nunca vão ter e que nos dá uma puta vantagem: RAIVA, sangue. aquela ódio que te move. aaah, isso eles nunca vão saber o que é. cara, que vontade de arregaçar um ou dois, foda-se!

seguimos. negão vê uma barraquinha de podrão e quer meter um. diz que hoje é por conta dele. cada um pede um cachorro e comemo de pé mesmo. nescau pagou o cara da carrocinha. ficamos ali terminando o bagulho. notei que o dono, meio inquieto, pegou o celular e ficou digitando algo. Sereno. não demorou dois minutos, encosta um gambé na carrocinha. fica ali de trova com o dono. do nada, vem a ordem: MÃO NA CABEÇA E ENCOSTA NA PAREDE! Porra, não tava entendendo nada até o nescau gritar: CORRE, VITINHO! larguei de pinote ao lado do negão. enquanto corria, perguntei para ele o que rolou. negão pagou o cara com nota falsa. era esse o bagulho tenso que ele tinha desenrolado para a gente. Correndo, lembrei que a minha coroa falou que se eu caísse no central igual ao meu primo, nunca mais ela olharia na minha cara. não curto essa ideia de não ver mais a velha. corríamos instintivamente no sentido de casa. tão ligado que a maioria dos foragidos são pegos ao voltar para casa? o cara pode ficar anos longe, um dia ele voltará para os dele. é acolhimento, pertencimento, sangue.

¹ Me chamo Thiago, sou nascido e criado na periferia de Porto Alegre e Grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Atualmente tenho uma loja de games e informática no pé do Morro da Conceição, um dos menores IDHs da cidade. Escrevo contos há uns três anos. Tenho formação quase concluída em história pela UFRGS. Me interessa por história, psicanálise, cinema e filosofia.

já não sentia mais minhas pernas de tanto correr. nescau tava um bagaço. olhamos para trás e não enxergamos mais o porco nem o dono da barraca. paramos. respiramos. mandei o negão tomar no cu, mas no fundo tinha gostado da correria. ele ficou no barraco dele. parti para o meu. arrumei as cobertas no chão e deitei. fiz uma retrospectiva do dia. que sensação boa de meter medo, ser respeitado (mesmo que pela maneira torta). isso vicia. amanhã vou descer de novo, só que dessa vez com sangue no olho e querendo cobrar.

